

# OS JORNAIS E O ENSINO DE HISTÓRIA NO MARANHÃO: OS PERIÓDICOS COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA.

MANOEL AFONSO FERREIRA CUNHA<sup>1</sup>

**RESUMO:** O centro de análise deste trabalho é a elaboração de uma reflexão acerca dos jornais enquanto instrumentos de construção histórica e ferramenta pedagógica para o Ensino de História. As principais consequências positivas da utilização dos jornais impressos na educação básica são: incentivo à leitura, contato com informações contextualizadas, dinamização do processo de ensino-aprendizagem, tornando os conteúdos escolares mais relevantes e despertando uma consciência mais crítica tanto no aluno quanto no docente. No entanto sabemos que mídia não pode e nem deve substituir o livro didático, mas constituir-se enquanto alternativa paralela a ele.

**Palavras-chave:** Ensino de História; Jornais; Ferramenta pedagógica.

**ABSTRACT:** The center of analysis of this work is the elaboration of a reflection about the newspapers as instruments of historical construction and pedagogical tool for the Teaching of History. The main positive consequences of the use of print newspapers in basic education are: encouraging reading, contact with contextualized information, dynamization of the teaching-learning process, making the school content more relevant and raising a more critical awareness in both the student and the teacher. However we know that media can not and should not replace the textbook, but constitute as a parallel alternative to it.

**Keywords:** Teaching History; João Goulart; Newspapers.

## 1. INTRODUÇÃO

A discussão em torno da utilização dos jornais como ferramenta pedagógica no ensino não é de hoje. Os primeiros debates neste sentido datam da década de 1970 e a maior preocupação dos pesquisadores dessa temática desde aquela época é justamente mudar o

---

<sup>1</sup> Especialista em Supervisão, Gestão e Planejamento Educacional pelo Instituto Superior Franciscano (IESF). Mestrando em Ensino de História pelo Programa de Pós-Graduação: História, Ensino e Narrativas, vinculado ao curso de História da Universidade Estadual do Maranhão (PPGHEN-UEMA). Membro do Núcleo de Pesquisa em História Contemporânea (NUPEHIC), grupo de estudos vinculado à mesma instituição. Bolsista de Mestrado pela Fundação de Amparo à Pesquisa e Ciência no Maranhão (FAPEMA). Atua na área de pesquisa em Didática, Imprensa e Ensino de História no Maranhão.

comportamento do aluno diante desse recurso. Espera-se uma posição mais ativa do estudante no que tange os meios de comunicação adotando uma leitura mais crítica.

Um comportamento questionador e criterioso exige uma capacidade e domínio de maiores conteúdos por parte de quem leciona. Todos sabem que os jornais podem se tornar, desde que bem manuseados, em excelentes potencializadores do ensino-aprendizagem. Os benefícios desta atividade não atingem apenas os alunos, mas também os professores, profissionais, que fazendo uso dessa ferramenta que são os jornais, acabam lendo mais e estudando mais. Ou seja, existe um processo de capacitação profissional incutido nessa ação. Os impressos tendem a ser um recurso a mais em sala de aula, auxiliando o livro didático e a aula expositiva no quadro, além de:

Atualmente, o uso do jornal na escola pode abranger iniciativas de criação de um jornal escolar (geralmente apresentadas pelos professores ou pela equipe pedagógica da escola), inclusão de textos jornalísticos em livros didáticos ou a partir de projetos elaborados e mantidos por empresas jornalísticas (VOSGERAU, 2012, p. 261).

As principais consequências positivas da utilização dos jornais impressos na educação básica são: incentivo à leitura, contato com informações contextualizadas, dinamização do processo de ensino-aprendizagem, tornando os conteúdos escolares mais relevantes e despertando uma consciência mais crítica tanto no aluno quanto no docente. No entanto sabemos que mídia não pode e nem deve substituir o livro didático, mas constituir-se enquanto alternativa paralela a ele.

Após a superação da noção dominante ao longo do século XIX, de que os jornais eram documentos pouco apropriados para o desenvolvimento de reflexões sobre o passado, os impressos constituíram-se fontes primordiais para a produção histórica atual. Falando da realidade da historiografia brasileira, o recurso aos jornais trouxe grandes avanços às pesquisas históricas.

## **2. CONSTRUÇÃO HISTÓRICA SOB A LUZ DOS JORNAIS IMPRESSOS.**

Os Parâmetros Curriculares Nacionais, criados pelo Ministério da Educação (MEC) em 1997, tinham como finalidade sugerir um leque de alternativas profissionais para o professor em sala de aula. As diversas temáticas e abordagens, específicas à cada área, constituíam-se

novo fôlego na educação brasileira. E uma das maneiras de fomentar o desenvolvimento educacional foi justamente trazer os jornais para dentro da sala de aula.

Meio de comunicação sempre atual, dinâmico e de fácil leitura, os jornais, segundo Márcio de Oliveira Rodrigues em *O jornal na sala de aula: um recurso didático potencializador dos temas transversais para o ensino fundamental e médio*, ajudam na formação do cidadão, pois:

Trabalhar o jornal na sala de aula se transformou numa ação relativamente comum e, em certo grau, bem desenvolvida. Professores e educadores têm à sua disposição uma série de instrumentos para viabilizar esta prática. Programas desenvolvidos por empresas jornalísticas e secretarias de educação (nas esferas municipal e estadual), ações individuais de professores que se encantaram pela técnica, e exemplos de atividades semelhantes, que podem ser encontradas na web, fazem do jornal um instrumento desconstruído e de fácil manuseio para os professores dos ensinos fundamentais e médio. (RODRIGUES, 2007, p.07)

As diversas facetas de utilização dos jornais em sala de aula podem ampliar o leque de possibilidades de assimilação do conteúdo por parte do aluno. O educador poderá manuseá-lo no intento de gerar mais informações além daquelas exibidas no livro didático, promovendo a aprendizagem, o desenvolvimento crítico e cognitivo dos aprendizes em virtude da atualidade das notícias estabelecendo questionamentos sobre temas por todo o mundo.

Outra notável vantagem do uso dos jornais em sala de aula é o fácil acesso. Este material bastante atraente e atual se constitui como um recurso de intensa e vasta cobertura de ricos assuntos, desde a política, economia, cultura, sociedade e esporte, não se limitando apenas às abordagens históricas e sim para qualquer disciplina da grade curricular do ensino básico.

O discurso jornalístico a ser adotado em sala de aula pelo professor apresenta em seu corpo três tipos de vertentes. A vertente linguística, composta por vários tipos de escrita, da argumentativa passando pela narrativa, dissertativa e descritiva. A segunda vertente é a cognitiva, pois o jornal dá um panorama do dia a dia, oferecendo possibilidade de atualização de conteúdo e informações de todo tipo, despertando no leitor, estudante e professor um posicionamento crítico e analítico. A última vertente é a cidadã, ou seja, voltada para a cidadania, pois os impressos jornalísticos sempre vão representar uma janela aberta para um mundo repleto de fontes de costumes diferentes dos nossos.

Portanto, segundo Elaine Anhussi em *O uso jornal em sala de aula: sua importância e concepções de professores*:

Evitar o uso dos jornais é desvincular o aluno de seu contexto histórico cultural, retardando o desenvolvimento de habilidades que favorecem a apropriação crítica do conhecimento social e historicamente produzido. Para que isso ocorra é necessário que as escolas facilitem o acesso aos jornais impressos e digitais. Assim, acreditamos ser necessário ampliarmos as discussões sobre os usos dos jornais impressos e digitais em sala de aula como prática docente de leitura e escrita, contribuindo para um ensino de melhor qualidade e para a construção de um leitor crítico sobre o uso das mídias (ANHUSSI, 2009, p. 40).

A utilização do jornal como ferramenta pedagógica traz importantes benefícios, como já foi bem explicado anteriormente, mas outro que corrobora ainda mais com essa tese é com relação ao aprimoramento teórico do docente quando ele faz desses recursos didáticos. O professor que utiliza os impressos não pode apenas mostrar os jornal com as notícias e reproduzi-las. É necessário um aprimoramento teórico também, uma verdadeira articulação entre teoria e prática.

A formação teórica nunca deve vir separada da atuação prática em sala de aula. O que é discutido na academia não pode ficar distante do aluno da rede básica, conforme afirmam Philippe Perrenoud e Monica Gather Thurler em *As competências para ensinar no século XXI*:

No máximo, a formação teórica permitira ser aprovado nos exames e obter diploma, enquanto a formação prática daria bases para a sobrevivência na profissão. É preciso combater essa dicotomia e afirmar que a formação é uma só, teórica e prática ao mesmo tempo, assim como reflexiva, crítica e criadora de identidade. (PERRENOUD, 2002, p.23)

Neste sentido, chegamos ao fim desse tópico reforçando a importância da aula subsidiada pela utilização dos jornais e, principalmente da aula de história especificamente, pois, acima de tudo, devemos sempre, no exercício historiográfico, articular fonte e teoria. A aula de história tem importantes elementos constituintes e destacamos dois deles: os saberes da disciplina e os saberes da docência.

### 3. MÍDIA IMPRESSA E ENSINO DE HISTÓRIA: NOVAS FERRAMENTAS PEDAGÓGICAS.

O gênero textual popularmente se conhece a partir das diferentes maneiras de linguagem empregadas em forma de texto, podendo ser formais ou informais. Dentro deste seguimento podemos identificar o romance, o artigo de opinião, conto, notícia, e até mesmo os debates, aulas e palestras, estas sob a forma oral. Partindo desta leitura, podemos apontar que a imprensa, através do texto escrito nos jornais, também se enquadra como uma importante linguagem textual desde a sua invenção até os dias atuais.

A partir do momento que fazemos uso da linguagem textual como arcabouço documental para a investigação histórica, como é o caso da utilização dos jornais no contexto do governo Goulart e da ditadura, precisamos reconhecer a importância da operação historiográfica para tal. E quando falamos desse tipo de exercício, Michel de Certeau traz uma importante contribuição no que se refere ao estabelecimento das fontes:

Em história, tudo começa com o gesto de separar, de reunir, de transformar em 'documentos' certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto (DE CERTEAU, 2002, p. 81).

O ato de definir um documento específico como fonte para uma pesquisa, através de ações concatenadas, mediante um delineamento temporal e temático, exige por parte do historiador uma operação de caráter técnico. Nos dias de hoje, isso requer um cuidado ainda maior, tendo em vista que, nos tempos passados e atualmente, o estabelecimento de um arquivo enquanto fonte é reflexo de uma combinação de lugar (biblioteca, arquivo e etc), aparelho e técnica.

Quando tratamos especificamente dos meios de comunicação, particularmente de jornais, sejam eles digitais ou impressos, precisa-se destacar que durante muito tempo a noção predominante na história era não fazer uso desses recursos documentais. Com o surgimento da "Nova História", advinda da Escola dos Annales, afirmando que qualquer manifestação humana poderia se constituir fonte histórica, passando a surgir novos olhares, abordagens e questionamentos em contraponto à visão rankeana tradicional do século XIX determinista e estritamente política.

Seguindo essa evolução no campo da história, ainda na metade primeira do século XX, os jornais passavam a se apresentar como primordiais elementos da operação historiográfica. Reforçando essa tese, temos o notório trabalho de Tânia Regina de Luca, em artigo intitulado *História dos, nos e por meio dos periódicos*, contido no livro *Fontes Históricas*, afirmando que a função desempenhada pelos jornais, em qualquer momento da história, mas especialmente em períodos de regime autoritário, produzem ressonância nas preocupações atuais.

Antes lidos como meros recursos secundários na elaboração histórica, os jornais, no decorrer da contemporaneidade, ganharam protagonismo e, neste sentido, para uma melhor historização dessas fontes algumas condições se fazem necessárias, como afirma Tânia de Luca:

Condições materiais e técnicas em si dotadas de historicidade, mas que se engatam a contextos socioculturais específicos, que devem permitir localizar a fonte escolhida numa série, uma vez que esta não se constitui em um objeto único e isolado. Noutros termos, o conteúdo em si não pode ser dissociado do lugar ocupado pela publicação na história da imprensa, tarefa primeira e passo essencial das pesquisas como fontes históricas (DE LUCA, 2008, p.139).

Corroborando com a valorização dos impressos como arcabouço documental para à historiografia, afirmamos que a utilização da imprensa servia apenas para sustentação de algo afirmado por uma fonte tida como "oficial". Manusear periódicos traz benefícios para a produção historiográfica, pois estes, enquanto objetos de estudo, são instrumentos de intervenção social e manipulação em prol de diversos interesses, e essas intenções precisam identificadas.

Com a expansão dos cursos de graduação em comunicação a partir da década de 1970, o jornalismo passou a ganhar mais destaque na sociedade brasileira e esse movimento seguiu também para o campo dos estudos históricos. Passou-se a valorizar ainda mais o papel dos jornalistas que escreviam sobre história e também dos próprios jornais enquanto fonte documental.

Neste sentido, Cybelle de Ipanema, em trabalho intitulado *A tradição historiográfica de estudos sobre a imprensa*, destaca as diversas vertentes de linguagem textual advindos da imprensa e que serviram e servem como arcabouço documental, ressaltando a validade de "conservação de periódicos - jornais, revistas, anuários, almanaques - era filosofia levada ao

paroxismo por nós, pesquisadores, a partir, principalmente, das décadas de 1940 e 1950. Não era ideia nova, mas sempre reclamada".

Já destacada a relevância dos periódicos como recurso para a operação historiográfica, faz-se justo também estabelecer uma sucinta reflexão acerca das diversas mudanças na imprensa brasileira entre as décadas de 1950 e 1970, período da história brasileira que está inserido o recorte temporal de nossa pesquisa. O jornalismo brasileiro muda consideravelmente no caminho de uma linguagem mais objetiva, passando a notícia a ocupar bem mais espaço que a opinião, tendência em eclosão na Europa e Estados Unidos pós II Guerra.

Vale apontar ainda que na transição da primeira para a segunda metade do século XX o país passava por importantes mudanças estruturais, sociais, políticas e econômicas. O Brasil estava deixando de ser um país rural para se tornar urbano e, sem sombra de dúvidas, essas alterações influenciaram na imprensa nacional. Atestando isso, temos a significativa leitura de Alzira Alves de Abreu em *As mudanças na imprensa brasileira: 1950-1970* :

As mudanças que ocorreram na estrutura produtiva do país com a maior diversidade da atividade produtiva, em especial da indústria, permitiram a formação de uma sociedade de consumo em que cada setor da cultura se desenvolveu de forma diferenciada. O teatro, o cinema, o rádio, a televisão, o disco, a publicidade e as editoras foram se estruturando como indústria de massa ao longo da década, para atingir nas décadas seguintes, a configuração de uma indústria de bens culturais (ABREU, 2008, p. 468).

Outra mudança significativa foi na forma de financiamento dos principais veículos de comunicação de massa do país. Até os anos 1940 o Estado brasileiro era majoritariamente patrocinador dos principais jornais brasileiros, no entanto, pós ditadura Vargas esse movimento muda. Agora os chefes de redação e donos de periódicos passariam a angariar fundos na iniciativa privada e isso muda completamente a maneira de se elaborar notícias, formar opinião e até mesmo em aspectos técnicos e estéticos do jornal.

A imprensa durante os anos 1930 e 1940 dependia diretamente das benesses estatais, aliadas secundariamente, apresentou a partir dos anos 1950 um processo de mudança. Grandes jornais como o Última Hora, as empresas Roberto Marinho e os Diários Associados de Assis Chateaubriand, recebiam financiamentos e empréstimos a juros do Banco do Brasil.

Paralela a essas mudanças no campo financeiro, o país passava por uma profunda efervescência política advinda da ampliação dos espaços de atuação e manifestação das classes trabalhadoras, movimentos sociais e entidades estudantis. A agitação saiu das ruas, sindicatos e universidades e chegou às redações dos grandes jornais brasileiros:

Os anos 50-60 conheceram o apogeu do jornalismo político, que acompanhava as reivindicações e contestações político-ideológicas. A conjuntura nacional foi toda ela marcada pelo engajamento político, que se expressava por ações em prol de uma sociedade mais justa e mais igual, a ser alcançada por meio de um regime democrático ou de um regime socialista, de acordo com a orientação de cada movimento (ABREU, 2008, p. 469).

Até a década de 1960 a imprensa brasileira era hegemonicamente partidária e personalista, comumente grandes jornais estavam ligados a importantes nomes do cenário nacional e a partidos ou grupos políticos. Os periódicos "*refletiam os interesses ideológicos dos partidos, faziam parte de uma imprensa que tinha uma concepção missionária de sua atividade*" (ABREU, 2008, p.470). Além disso:

Os jornais gravitavam em torno da personalidade do dono ou do redator-chefe do jornal: falava-se no jornal do Lacerda (Tribuna da Imprensa), do Samuel Wainer (Última Hora), do Roberto Marinho (O Globo), do Macedo Soares (Diário Carioca), do Paulo Bittencourt (Correio da Manhã) (ABREU, 2008, p. 470).

Citadas e analisadas as principais mudanças na imprensa brasileira, além de ressaltarmos a importância dos arquivos jornalísticos como fontes históricas no exercício da operação historiográfica, cabe a nós agora salientar e problematizar o último objetivo desse trabalho, que é explorar o papel dos jornais, sejam eles digitais ou impressos, como recurso pedagógico em sala de aula. É seguindo esse movimento que o próximo tópico do texto vai tratar.

Após a superação de uma leitura de certa forma hegemônica de que ao longo do século XIX, tanto jornais quanto livros didáticos eram documentos pouco apropriados para o desenvolvimento de reflexões sobre o passado, ampliou de forma considerável o número de trabalhos acadêmicos que procuraram utilizar estas fontes não apenas como arcabouço documental, mas também objeto central de análise. No entanto, com o processo de inovação



teórica e metodológica a respeito das operações historiográficas, este arcabouço documental passou a se constituir primordial recurso de análise histórica.

A atualização metodológica e temática advém da renovação trazida pela Escola dos Annales. A terceira geração dessa corrente de historiadores propôs novos problemas, abordagens e métodos de análise histórica. A interdisciplinaridade ganhava espaço no trabalho do historiador. Dialogar com as áreas afins como a filosofia, sociologia, ciência política e antropologia conduzia o historiador de formação a refletir sobre as suas fronteiras de atuação.

Consequentemente, a ampliação do espaço de investigações históricas, junto das renovações temáticas, processos oriundos da difusão dos estudos culturais a partir do abandono da macro-história, propiciaram para os historiadores uma nova leitura sobre o documento, e também suas diferentes análises a partir das novas fontes históricas. Em concordância com essa tendência, temos a renovação trazida pelo marxismo através das obras de intelectuais do porte de Eric Hobsbawm, Perry Anderson e Raymond Williams.

Tanto a *New Left Review* quanto a Escola dos Annales objetivaram o deslocamento do eixo de análise histórica. A partir da década de 1960, historiadores do mundo ocidental, influenciados por essas duas tendências teóricas, começaram a desenvolver a chamada “História vista de baixa”, a partir experiência dos derrotados, ou melhor, dizendo, dos sujeitos sociais antes excluídos do protagonismo dos eventos históricos.

Deslocava-se o centro de análise do economicismo ortodoxo para o enfoque nos aspectos culturais, alijados das operações historiográficas tradicionais. Em paralelo com esses movimentos de distanciamento da macro-história, de protagonismo dos aspectos culturais, através das mudanças metodológica, temática e reflexiva, havia o surgimento da História imediata ou do Tempo Presente, campo de pesquisa até então exclusivo de cientistas sociais e jornalistas.

Quando nos referimos à pesquisa histórica podemos notar um amplo leque de teorias, metodologias e fontes, pois é da seara do historiador utilizar documentos oficiais, jornais, objetos, oralidade, música, cinema dentre outros no processo de elaboração histórica. No entanto, um arcabouço documental antes marginalizado pela historiografia, que nos últimos anos vem ganhando espaço na investigação histórica são os jornais impressos.

As técnicas de impressão, o lugar social da imprensa e a materialidade dos jornais são, para a intelectual, aspectos metodológicos que têm norteado a utilização desse arcabouço documental, influenciando no desenvolvimento de futuros trabalhos com diversas temáticas, recortes temporais e orientações teóricas. A partir desses elementos, cabe ao historiador examinar os discursos, localizar historicamente os sujeitos presentes no quadro gestor e nas seções dos jornais, para uma melhor elaboração de pesquisas históricas:

Um jornal, ao selecionar determinado tema, ordená-lo, estruturá-lo e narrá-lo, deixa exposto ao pesquisador o seu conteúdo, ideologia e público alvo. Assim, ao se trabalhar com uma notícia, o historiador tem como meta identificar as razões pelas quais o periódico optou por publicar determinado assunto (DE LUCA, 2008, p.140).

Com intuito de facilitar no desenvolvimento da pesquisa histórica fundamentada em jornais impressos, é imprescindível a escolha dos arquivos aos quais essas fontes estão localizadas. Temos como exemplo as próprias sedes de jornais, bibliotecas públicas ou privadas e arquivos de todos os tipos; averiguar as condições de consulta e manuseio; observar a periodicidade dos folhetins, a impressão, e a publicidade deles; identificar os principais colaboradores e público alvo; esclarecer as fontes de receita e publicidade; e, por fim, examinar todo o material de acordo com a problemática escolhida.

Sabemos que muitas lacunas estão abertas no que se refere à proposta de analisar o jornal em seus aspectos diversos. Examinar o discurso jornalístico é apenas um dos caminhos, mapear o posicionamento institucional diante de determinada questão é outro. Refletir sobre os aspectos técnicos, diretivos e estéticos foi inovador no sentido de buscarmos um percurso diferente em relação ao processo de investigação da imprensa.

O estado da arte afirma que hoje os jornais são uma fonte de pesquisa consolidada e a quantidade de trabalhos utilizando este tipo de arcabouço documental reforçam essa tese. Os impressos estão sendo utilizados como elemento de reflexão histórica, em diversas temporalidades, balizadas por diferentes elaborações teóricas, não estando mais suscetíveis a exames que apenas confirmem ou sustentem aquilo presente em outras documentações.

Com isso, enfatizamos a necessidade de utilização das fontes oriundas do campo jornalístico como arcabouço documental de pesquisas que investiguem as especificidades históricas do Maranhão em relação ao governo João Goulart. A análise se dá em virtude da

carência de informações presentes nos livros didáticos escolares acerca de informações sobre o Maranhão durante esse período.

A utilização dos jornais como ferramenta pedagógica tem sua recorrência e eficácia devido estes serem meios de comunicação muito tradicionais até os dias atuais. Por estar presente em todas os estratos sociais, apresentando-se como notável fonte de pesquisa, entretenimento e informação, o jornal impresso atua em diversos aspectos através da construção de uma realidade pautada em valores e ideias.

Os dias atuais nos mostram que o campo educacional tornou-se um espaço muito fértil para os estudos dos meios de comunicação aliados as diversas disciplinas. A relação mídia e ensino está cada vez mais necessário no que se refere ao papel que os veículos midiáticos possuem dentro da vida das pessoas trazendo uma compreensão por parte dos alunos de que esse diálogo oportuniza uma formação mais cidadã, democrática reduzindo assim todas as desigualdades sociais.

A gama de possibilidades pedagógicas dentro do campo das mídias são várias. Jornais, revistas, documentários, músicas, filmes, internet, documentários, programas de rádio e TV apresentam características e finalidades diversas. No entanto, sem sombra de dúvidas, os jornais impressos apresentam-se como recurso pedagógico mais consolidado entre os dias atuais. Isso se deve muito pelo fato de que os primeiros periódicos datam ainda do século XVII.

A facilidade de utilização dos impressos como ferramenta pedagógica se dá pela enorme facilidade de produção e acesso aos mesmos. Os jornais se tornam mais aproximáveis dos professores e alunos muito por conta da não necessidade de um aparelho para sua reprodução tão como de equipamentos para sua produção e edição, como afirma Cleyton Pereira Lutz:

Os jornais também ajudam a formar o cidadão, contribuindo para que os leitores entendam seu papel na sociedade, e na formação geral do estudante, pois amplia o nível cultural dele, além de desenvolver suas capacidades intelectuais. A leitura das publicações se relaciona à necessidade dos alunos de comentar, debater e discutir assuntos tratados pela população em geral, fornecendo informações necessárias para orientar a vida política e social dos leitores (LUTZ, 2013, p.3).

Além dessas contribuições, os jornais impressos passam a se constituir, a partir de seu uso como ferramenta pedagógica, referência de utilização da norma culta da língua, proporcionando o contato tanto de alunos e professores com um texto escrito de maneira autêntica, servindo ainda de registro histórico. Mas para que estas benesses sejam alcançadas é necessária uma preparação desse professor para lidar com esse tipo de recurso de ensino.

Especialmente no caso dos alunos da educação básica, ter o contato com os jornais impressos dentro da sala de aula conduz ao contato com a língua padrão servindo de referência para produção de textos. Para isso é necessário que o professor identifique as diferentes formas textuais presentes nas publicações jornalísticas como o título, legenda, editorial, coluna, artigo, notícia, nota, cabeçalho, chamada, cartum, charges, gráficos e etc.

Como podemos inferir, dentro do espaço textual dos jornais coexistem inúmeras linguagens que se diferem e ao mesmo tempo se complementam. Neste sentido, cabe ao professor ser portador dessa pedagogia relacionada à seleção de informações presentes dentro do periódico, facilitando para que o aluno encontre, organize e analise da melhor forma as informações contidas nessa importante fonte histórica e ferramenta pedagógica, pois,

também é necessário mostrar aos discentes os diferentes sistemas e suportes do texto jornalístico, explicando o processo de construção da notícia, bem como questionar o mito da objetividade jornalística, através da distinção entre fato e versão (LUTZ, 2013, p.4).

O processo de integração das mídias em sala de aula, e particularmente da mídia impressa jornalística, exprime um recurso pedagógico facilitador da criação, expressão e atuação política daquele discente. Ao agirem socialmente, os veículos de comunicação ultrapassam os limites ideológicos e políticos, contribuindo para o processo de percepção da realidade como também da construção de conhecimento crítico e informação, elementos essenciais no processo de ensino-aprendizagem.

A capacidade de desenvolvimento da leitura e da produção de informações são elementos primordiais no processo de transmissão cultural propiciado pelos jornais. Não se limitando a um meio de comunicação qualquer, os impressos proporcionam diversas alternativas pedagógicas. Mesmo com essas enormes possibilidades de utilização dos jornais como recurso pedagógico dentro da educação básica, existem ainda muitas formas de resistências diretas e indiretas ao uso dessas fontes históricas em sala de aula.

Dentre essas varias objeções temos a grande ausência de uma cultura de leitura e contato com os jornais por parte dos pais, professores e alunos tendo em vista a grande defasagem educacional que ainda assola o nosso país, como ainda a omissão analítica das publicações através de análises técnicas e orgânicas desses jornais e, por fim, a frequente falta de critério presente no manuseio dos textos jornalísticos em classe.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Em nossa realidade atual, trazer o estudante para próximo das diversas mídias, especialmente os jornais, como já dito anteriormente, desenvolve sua capacidade crítica, tendo em vista que isso se torna ainda mais indispensável pelo fato de que os mais variados veículos de comunicação despejam informações que precisam ser questionadas e debatidas tanto por alunos quanto por professores.

Sabemos que não existe imparcialidade plena dentro do jornalismo, sem falar no fato de que os interesses financeiros ditam regras nas redações de todo o mundo através do lobby publicitário. Neste sentido, desenvolver a criticidade em sala de aula mediante análise técnica do órgão jornalístico é extremamente necessária para analisarmos os diversos discursos e projetos políticos que estão em embate dentro das empresas de jornais.

Ao se apresentarem como uma ferramenta constituída de atualidade, informação, o professor tem em suas mãos um excelente dispositivo para revigorar suas aulas através da ampliação de horizontes e apropriação de conhecimento histórico-crítico. A partir deste ponto de vista, podemos identificar que o discurso jornalístico emprega importantes vertentes de ensino.

A primeira delas é a linguística, tendo em vista a presença de variadas formas de escrita (descritiva, narrativa, argumentativa e dissertativa); depois temos a cognitiva, baseada na atualização de conhecimentos de forma acelerada, pois as notícias se atualizam dia a dia, despertando a necessidade de uma análise crítica do que está sendo informado; e, por fim, a vertente da cidadania, que tem como fundamento o modo específico de lidar com a notícia, diferentemente de outras mídias, pois o texto escrito propicia ao leitor uma melhor compreensão da sua realidade social contribuindo para que o mesmo aja dentro dela.

## REFERÊNCIAS

ANHUSSI, Elaine Cristina. **O uso do jornal em sala de aula: sua importância e concepções de professores** / Elaine Cristina Anhussi. - Presidente Prudente: [s.n], 2009.

BITTENCOURT, Circe Maria F. Autores e editores de compêndios e livros de leitura (1810-1910) . **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.3, p. 475-491, set./dez. 2004.

CERTEAU, Michel de. A escrita da história; tradução: Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica de Arno Vogel - 2ed - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

DE LUCA, Tania Regina. **História dos, nos e por meio dos periódicos.** in PINSKY, Carla Bassanezi. *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2008.

LUTZ, Cleyton Pereira. **O jornal impresso na educação: usos e perspectivas.** Campinas: Unicamp HISTEDBR, 2013.

PERRENOUD, Philippe. (org). **As competências para ensinar no século XXI: a formação dos professores e o desafio da avaliação** - Porto Alegre: Artmed editora, 2002.

RODRIGUES, Márcio de Oliveira ; VOSGERAU, D. S. A. R. . **O jornal na sala de aula: um recurso didático potencializador dos temas transversais para ensino fundamental e médio.** In: VI ANPED-SUL – Seminário de Pesquisa da Região Sul, 2006, Santa Maria. Anais do VI ANPED SUL – Seminário de Pesquisa da Região Sul. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, 2006. v. 1. p. 1-8.